

Autora vencedora do **Orange Prize**

A N O I T E
D O T E U
A N I V E R S Á R I O

«Provocador... de uma intensidade estonteante.»
New York Daily News



ROMANCE

L I O N E L
S H R I V E R

BEST-SELLER INTERNACIONAL

Lá fora, pensou que devia haver uma palavra para aquilo: a temperatura estava perfeita, nem quente nem fria. Estivesse a temperatura um grau mais baixo, ter-se-ia arrependido de não ter trazido um blusão. Um grau mais acima e talvez um começo de suor lhe tivesse aflorado nos cabelos, mas assim não precisava nem de agasalho nem de brisa fresca. Se existissem palavras para essa temperatura, teria de haver um corolário para o êxtase especial em acolhê-la — o descuido, a sensação de que não havia pressa, como se o tempo pudesse parar, ou devesse fazê-lo. Normalmente, a temperatura era uma luta; mas, tal como estava, era uma delícia.

Andaram pelo passeio alguns milímetros mais próximos do que era normal. Nada de mal, nada naquela noite tivera fosse o que fosse de mal, mas em relação àquele pequeno passeio por Charing Cross, ao recordá-lo mais tarde, ela teria a certeza de que fora ela quem caminhara demasiado junto dele.

No entanto, quando o empregado foi buscar o Jaguar, Irina estava aturdida. A facilidade com que tinham conversado no Omen desaparecera e estavam agora reduzidos a uns monossílabos; reinava de novo entre ambos o mútuo embaraço que dantes sentiam. Aquilo era uma tolice. Ela bebera demasiado (ou seja, quatro balões grandes de saké). Já nem se lembrava de como era a sensação de estar pedrada, e era por isso que desejava fazê-lo. Tinha deixado o creme de ruibarbo a arrefecer sobre a bancada da cozinha e precisava de pôr as tartes no frigorífico. Estava cansada — ou devia estar. Lawrence podia telefonar e ninguém responderia às duas da manhã, e ele iria imaginar que tinha acontecido algo de terrível. No entanto, uma retirada à última hora pareceria uma cobardia e faria com que o dia de anos de Ramsey acabasse com uma nota de rejeição. Bem, sempre podia dizer a Lawrence, caso ele telefonasse, que tinha estado num daqueles ridículos engarrafamentos que acontecem em Londres às horas mais improváveis. Às vezes, quando se comete um erro, tem de ser levado até ao fim.

O ambiente no carro estava sombrio. Em vez de alguém que saía para uma festa, Irina podia ser um daqueles jovens e rígidos ingleses de antigamente a caminho de um exame de orientação profissional que determinaria se haveriam de ser cirurgiões capazes de executar cirurgias by-pass ou empregados de limpeza destinados a esfregar casas de banho públicas.

A maior parte dos colegas de Ramsey crescera em subúrbios obscuros e sujos como East Belfast ou as partes mais rudes de Glasgow. Quando os jogadores de snooker oriundos desses lugares duvidosos começavam a arrecadar vitórias, a primeira coisa que faziam era mudar de bairro. Ramsey crescera em Clapham, que fora então um lugar um pouco tosco, mas agora era uma zona algo fátua, uma área cheia de auto-satisfação, repleta de umas casas provincianas, todas idênticas e surpreendentemente caras, que mereciam ser chamadas de chalés. Talvez para manter o seu credo proletário de rapaz da rua, assim que Ramsey ganhou alguns campeonatos, a primeira coisa que fez foi mudar-se para o centro da zona onde vivia a classe operária, os Cockneys do East End.

Claro que dificilmente se poderia chamar sofrimento à sua condição. Vivia numa casa vitoriana em Victoria Park Road, no limite sul de Hackney. Irina estivera nessa casa um punhado de vezes nos tempos em que colaborava com Jude e fora ali que tinham começado os insultos que destruíram a amizade delas. Exasperada, com uma espécie de sede de sangue, Jude criticara mais do que as ilustrações de Irina e insultara-a, dizendo que ela para o Lawrence não passava de um capacho na porta de entrada, e troçava daquele invejável contentamento doméstico apelidando-o de «sonâmbulo». Tudo porque Irina ousara dizer que o último conto de Jude, Grande Boca, era um bocadinho óbvio de mais (em relação à história — sobre um cão que estava sempre a ladrar e já ninguém o suportava, até que uma vez que estava a ladrar engoliu uma bola que alguém atirou e deixou de poder ladrar, altura em que toda a família passou a adorá-lo —, Irina dissera: «Até as crianças vão adivinhar que lhes estás a dizer para ficarem caladas», sem falar de que era ilógico. «Mas Jude», tinha ainda dito, hesitante, «se tu engolires uma bola, isso não te impede de falar, pois não? Sufocas e até podes morrer.») Jude acusara Irina de ser «agressiva-passiva», um termo impróprio que queria dizer «agressiva», e disse que tomar a bola de modo demasiado literal era típico do universo provinciano e limitado em que Irina acabara por viver. Enquanto o Jaguar chegava, todas estas memórias se avivaram.

Irina não se fez de princesa e, sem esperar que lha abrissem, abriu a porta do carro. No entanto, enquanto seguia atrás de Ramsey, subindo aqueles degraus escuros, parecia estar no ambiente portentoso e sinistro de um conto de fadas, como se estivesse a entrar em Oz ou no Castelo de Gormenghast, onde havia diversas regras, nada era aquilo que parecia ser e as paredes das bibliotecas abriam-se para revelar masmorras secretas. Conseguia ouvir a narrativa desses dois últimos minutos naquela cadência enfática de valsa que os adultos adoptam compulsivamente para ler às crianças: Irina subiu os ásperos degraus até ao palácio sombrio do homem alto. A imensa porta gemeu nas dobradiças e depois fechou-se atrás dela com um bum e um clique. Tarde de mais, a jovem lembrou-se de que a sua mãe a avisara para nunca, mas nunca mesmo entrar no carro daquele homem estranho! Na verdade, a mãe de Irina nunca lhe dissera para não entrar em casa de um homem estranho, sobretudo quando não estivesse protegida por Lawrence, o seu amigo incondicional. Mas isso acontecera porque a sua mãe nunca imaginara até que ponto é que ela podia ser parva.

O interior continuava decorado com tapetes orientais e móveis antigos escuros, mas algumas das peças mais valiosas de que Irina se lembrava já não estavam lá. Para as mulheres, os casamentos falhados resultavam frequentemente numa acumulação de saque; para os homens, esses projectos falhados, de um optimismo pouco plausível, manifestavam-se em carências materiais. Era difícil resistir à impressão metafórica de que as mulheres querem manter o próprio passado, enquanto aos homens lhes é simplesmente roubado. Aqui, um rectângulo escuro no tapete indicava o espaço onde antes estivera um sofá de pele, e quatro depressões profundas na carpete eram testemunhas mudas da partida de uma mesa de mármore espesso, cor-de-rosa, que Irina anteriormente admirara. Quadrados brancos nas paredes, com ar de fantasma, pareciam o último grito em expressionismo abstracto, enquanto as pinturas originais que, antigamente ornamentavam as paredes cor de creme, eram muito mais conservadoras. No entanto, Ramsey tinha meios para repor tudo o que Jude levava. Portanto, ou tinha algum gosto em ver-se como asceta, ou estava interessado em manter viva a lembrança da sua dor.

Ramsey preparou dois balões de conhaque generosamente servidos. Como Jude levava o sofá e as cadeiras, não havia nenhum lugar para uma pessoa se sentar. Ramsey disse:

— Vamos para o andar de baixo.

Ah. A masmorra.

Irina seguiu-o até à cave. Ramsey acendeu a luz por cima da mesa de snooker, o que conferiu à superfície de feltro verde e à sua brilhante moldura de madeira de mogno um ar sagrado, banhando o resto da divisão com a luz débil e solene de uma catedral. Sofás pretos de pele estavam alinhados naquele salão privado lembrando os bancos de uma igreja, e Irina beberricou gravemente do seu copo como se fosse o cálice da comunhão. Tratava-se do coração da casa e era ali sem dúvida que Ramsey passava a maior parte do tempo. O foco de luz da lâmpada incidia sobre a prateleira dos tacos. Um armário ostentava dezenas de troféus; em fila, seis pratos de cristal de um Campeonato do Mundo espreitavam na prateleira de cima como se fossem dentes. As paredes estavam adornadas com cartazes emoldurados de torneios e de jogos, desde Banguécoque até Berlim, uma decoração que Jude consentira que o ex-marido mantivesse na íntegra. Era provável que Jude nunca se tivesse aventurado naquelas paragens e que a opção de Ramsey em não subir ao andar de cima tivesse contribuído para que o casamento durasse sete anos completos. Irina sentia que fora admitida a uma espécie de santuário. A luz suave, dourada, a alienígena sumptuosidade dos sofás de pele em que ela mergulhou e o felpudo tapete sob as suas sandálias aumentavam a sensação de que entrara num reino mágico secreto, através de um armário ou de um espelho.

Ramsey agarrou numa caixa de madeira com um aspecto medieval. Embora Irina tivesse diminuído a distância entre ambos em Charing Cross, alguns milímetros escandalosos, ele sentou-se no lado mais distante do sofá, apoiando-se no braço deste. Com muita reverência, agarrou numa embalagem de papel de mortalhas Swan, numa pequena navalha e numa caixa de pastilhas de estanho, fazendo com que a caixa deixasse cair uma pedra grande de haxixe na mesa diante deles. Depois de abrir um Gauloise ao meio com a navalha, dispôs o tabaco ao longo da mortalha. Empunhando o seu elegante isqueiro de prata, passou a pedra de haxixe pela chama, apanhou um pedacinho da resina amolecida e espalhou os grãos, de modo uniforme, ao longo do cigarro. Os pedaços negros que caíam do seu dedo lembravam poções obscuras que tinham feito com que a Bela Adormecida entrasse num sono interminável ou com que a Branca da Neve caísse no chão gelado.

O charro que passou a Irina, estendendo o braço, visto que ela estava tão longe, era bastante fino e uniforme, e acabava numa ponta estreita. Ela acedeu a dar duas puxadas e sacudiu a cabeça energicamente quando ele lho ofereceu uma terceira vez. Ramsey encolheu os ombros e acabou por fumar o resto.

Embora tivesse receado que Ramsey entrasse numa daquelas conversas associativas que a droga pode induzir, e não tanto naqueles episódios de riso louco que parece gerar, mas apenas nos filmes, as suas apreensões não tinham fundamento. Ramsey levantou-se do sofá e começou a ignorá-la. Abriu a sua caixa, juntou os tacos, e dispôs as bolas na mesa. Começou a dar uma tacada delicadamente do lado esquerdo. Quando meteu no saco uma bola vermelha solta com um movimento profundo, a bola branca foi embater contra o aglomerado das outras, espalhando as vermelhas de modo a que fossem facilmente atingíveis.

Tal como o haxixe, aquela exibição era infantil. Ele convidara-a para sua casa e tinha, portanto, um pouco a obrigação de desempenhar o papel do anfitrião. Tê-la levado à sua cave era uma maneira infantil de tentar impressioná-la, de que ele já se deveria ter liberto há muito, uma vez que tinha quarenta e sete anos.

Fosse como fosse, Irina só vira Ramsey a jogar na televisão e agora, a três dimensões, a mesa, de uns três metros e sessenta por um metro e oitenta, parecia muito maior do que a que surgia no ecrã. Vistas de perto, o rigor das suas tacadas, a segurança com que as escolhia e a precisão sobrenatural com que depois de cada tacada as bolas ficavam bem posicionadas para a seguinte pareciam inumanas. Enquanto ele ia passando de uma tacada para outra, o colete de seda negra de Ramsey ondulava com a brisa que provinha das janelas abertas. As bolas pareciam rolar docemente para

os seus objectivos, os buracos, como se tivessem vontade própria, passando por outras bolas, a um cabelo de distância, mas nunca batendo nelas, a menos que Ramsey tivesse tido a intenção de tirar partido desse contacto. O movimento das bolas luminosas era hipnotizante; as cores pareciam vibrar. A brisa levantou os pêlos dos braços nus de Irina, o ar mais uma vez não estava nem quente nem frio. A resina da droga parecia suave, e Irina perguntava-se por que ficava toda aos nós por dentro só de pensar que ia ter uns efeitos tão vulgares depois de fumar aquele narcótico.

Ramsey começara outra entrada e Irina beberricara quase como um abstémio do seu balão quando — algo aconteceu. Aquela droga, via muito bem agora, não era nada fraca. E tinham bastado duas inalações. A neutralidade do ar desapareceu e, debaixo da sua camisa branca, sentiu que os seios começavam a aquecer, como se fossem aquecedores de assento em carros de luxo. Irina raras vezes pensava nos seus seios. Lawrence tinha alegremente admitido que não era um «homem de mamas» e, dado que o seu marido nunca lhes prestava a mínima atenção e nunca as acariciava, Irina também não via motivos para lhes prestar uma atenção particular. Agora pareciam estar a rebelar-se contra essa negligência, porque se se fizesse um exame com infravermelhos ao seu corpo teriam certamente a cor daquele vermelhão derretido que ela vira a flamejar nas janelas da Catedral de São Paulo. Horrorizada, Irina convenceu-se de que tinham começado a brilhar e cruzou os braços sobre o peito, como fizera na noite anterior, quando ao telefone arriscou dizer a Ramsey, em russo: «Quando nós falamos sinto-me nua».

Essa sensação de estar ligada por fios eléctricos a que algum génio maligno tinha dado elevada voltagem, continuou a espalhar-se. O seu ventre vibrava e enviava até ao diafragma vagas de um calor alarmante que depois lhe desciam pelas coxas. Irina estava contristada. Não era de todo o género de sensação que uma mulher decente devesse sentir quando estava na companhia de outra pessoa. Embora ela acabasse por perceber que o seu peito provavelmente não estaria a fazer sinais de luzes vermelhas como na passagem de vias-férreas, sentia-se segura de que a sua transformação, de ilustradora vestida para tocha humana, acabaria por se evidenciar de um modo insidioso.

Irina virou lentamente a cabeça para encarar a mesa de snooker com alguma trepidação, dado que, naquele estado embaraçoso em que se encontrava, o mais seguro era não mexer um cabelo sequer. No entanto, Ramsey parecia não reparar em nada. O seu rosto demonstrava uma tal calma e concentração que ela começou a pensar se o ofendera; não lhe parecia lá muito bem, é certo, como se ele se estivesse a exhibir, mas isso, por certo, era exactamente aquilo que ele costumava fazer sempre que ficava pedrado: ia para a cave e começava a jogar umas entradas, e era precisamente o que ele teria feito caso Irina não tivesse aceite o convite para ir a casa dele. No entanto, ele tinha de reconhecer que ela lhe enviava uns olhares rápidos depois de uma tacada fabulosa, para confirmar que ela estivera atenta. Apesar de tudo, as deixas impecáveis de Ramsey tinham recolhido todo o tipo de elogios desde os seus oito anos de idade, e não era admirado só pela sua maneira de jogar snooker. Tinha piada que tivesse levado todo este tempo para se dar conta — e não no sentido clínico que ela antes descrevera para si mesma, do mesmo modo que uma testemunha descreve pormenores como a cor do cabelo e a altura à Polícia, mas, por fim, de facto, dava-se plenamente conta — que Ramsey Acton era com efeito um homem muito fora do vulgar.

Muito fora do vulgar mesmo.

De facto, era devastadora — vertiginosa — a sua beleza.

Não teria sido objectivamente óbvio, embora os seus olhos se tivessem alargado, e estivessem mesmo um pouco proeminentes e com as pupilas completamente dilatadas. Mas por mais imperceptíveis que fossem as manifestações exteriores, dentro dela o que se passava era tudo menos subtil.

Se Ramsey não a beijasse agora mesmo, ela era capaz de morrer.

— Queres tentar dar uma tacada, só para ver o que uma pessoa sente? — propôs Ramsey com uma voz muito simpática, mantendo a mesa entre ambos. Era a primeira coisa que dizia desde há meia hora.

Quando era miúda, Irina ficava atenta a grupos de rapazes com ar mal-humorado que pairavam pelos corredores, certa de que fariam comentários rudes se ela passasse dizendo, por exemplo, que ela tinha cara de cavalo. Experimentara a sua dose de ansiedade nos exames da faculdade e muitas vezes tivera brancas em respostas que sabia. Tinha tendência para se começar a queixar quando os rapazes guiavam depressa de mais, acima do limite de velocidade. Normalmente era ainda capaz de se recordar, mas não neste momento, do medo de que Lawrence não tornasse a telefonar-lhe depois da primeira vez que tinham dormido juntos. Na sua vida profissional, ela sabia muito bem que tinha tendência a adiar abrir o envelope da editora, que podia conter um pedido para ela ir aos seus escritórios apinhados receber imediatamente os frutos do seu labor de seis meses. Em Londres, tivera a sua parte de alarmes à bomba por parte do IRA no metro, embora, depois de tantos falsos alarmes, as hipóteses de a pessoa explodir naquele momento fossem cada vez mais longínquas.

A questão é que Irina, tal como a maior parte das pessoas, sabia o que era o medo. Sabia aquilo que as outras pessoas queriam dizer quando empregavam essa palavra. Mas até então, até às duas e trinta e cinco da manhã do dia seis — não, do dia sete de Julho de 1997, nunca fora dominada por um tal terror abjecto e cru. Irina obedeceu à ordem. A sua

vontade própria estava desligada ou, pelo menos, a sua vontade mesquinha, aquela vozinha autoritária que fazia com que ela fosse pôr a roupa suja no cesto da roupa suja ou trabalhasse mais uma hora no seu estúdio quando já não tinha vontade nenhuma de trabalhar. Era possível que existisse um outro tipo de vontade, uma instância que não estivesse em cima dela ou ao seu lado, mas que era ela. E se assim era, essa vontade maior tinha agora assumido o controlo. Era tanta a sua tendência para se eclipsar que já não conseguia tomar decisões sozinha. Não decidiu ir ter com Ramsey do outro lado da mesa; levantou-se, simplesmente.

Enquanto se dirigia para junto de Ramsey, a sensação de que podia cair a qualquer instante não parecia ser provocada pelos saltos altos, o haxixe ou o conhaque. A precariedade do seu equilíbrio estava toda na sua cabeça, como se tivesse um problema no ouvido interno. Ao que parece, os pilotos de avião podem ficar tão desorientados que deixam de saber em que direcção fica «em cima» ou «em baixo». Sobretudo antes da era dos instrumentos de navegação, houve muitos pilotos que, apanhados por um nevoeiro, tinham começado um mergulho e acabado por embater no solo. Até hoje, que há altímetros impecáveis, um amador pode ficar tão seguro do seu sentido de orientação interno que ignora as indicações do painel de instrumentos e acaba por se espetar na casa de alguém. Quando a pessoa não é capaz de confiar numa intuição tão primitiva e básica como a de saber em que direcção é «para cima», naturalmente a bússola moral dessa pessoa fica comprometida e é capaz de funcionar de um modo fatal.

Enquanto ela se aproximava de Ramsey — cuja figura estava agora delineada por um debrum fino e branco, como se tivesse sido recortada de uma revista — toda aquela noite fez sentido. Ele aproveitara-se conscientemente do facto de Lawrence estar fora da cidade. Tinha-a deslumbrado com um excelente jantar e astutamente contara-lhe umas histórias picantes sobre as experiências sexuais da sua adolescência. Fizera com que ela ficasse embriagada, coisa que há séculos fascina as mulheres que não ousam tomar a responsabilidade de começar a beber por sua conta e risco. Da mesma forma, fizera com que ficasse pedrada. Seduzira-a até sua casa, onde fez uma exibição das suas proezas enquanto jogador de snooker, de modo a que ela ficasse deslumbrada com o seu estatuto de celebridade. E agora aquele «queres experimentar dar uma tacada?» era o máximo. Ramsey, um ingénuo? Era Irina que era uma ingénua, uma cabeça no ar, que agora caía nos braços do seu sedutor tal como uma maçã cai de árvore.

Mas a revelação do embuste de Ramsey chegou demasiado tarde. Ela não conseguia desviar o olhar da boca dele, e daqueles olhos azul-acinzentados, de lobo, coisa que Betsy lhe assegurara que ele não era. De pé, junto dele, oferecida em sacrifício, Irina apresentou-se para ser sacrificada.

Ele foi buscar um taco à prateleira e disse-lhe:

— Preparei uma tacada naquela bola vermelha que está no meio das outras.

Irina pensou: Oh, amigo, que tu preparaste não deixa dúvidas.

Ramsey ensinou-lhe a segurar o taco com a mão direita. Inclinando-se sobre a mesa, demonstrou a posição adequada para visualizar a tacada. Ela seguiu as instruções. Enquanto ele murmurava que tinha de bater com a bola na branca e não recuar depois do contacto, ela inspirou o seu hálito, que cheirava a brandy e a tabaco queimado. Quando ele se pôs atrás dela para ajustar o ângulo do taco, os seus dedos encontraram-se.

No entanto, apesar das suas instruções de que ela não devia «recuar depois do contacto», a sua mão recuou. Quando ele lhe pediu para que ela agarrasse o taco mais perto da ponta, não teve o toque pedagógico de lhe fazer deslizar a mão com a sua. Ao virar o rosto para ele, Irina ficou espantada ao confrontar-se com uma expressão inocente e idiota. Irina finalmente topou. Alex «Furacão» Higgins? Ronnie «o Foguetão» O'Sullivan? Jimmy «Ciclone» White? Sem dúvida, havia uma data de jogadores de snooker que eram uns malandros. Bebiam, fumavam, frequentavam as prostitutas; não pensavam duas vezes em «dar uma queca» com a miúda de um amigo. E, na verdade, Ramsey fumava tabaco, gostava da sua ganza, e não parecia distante da garrafa. Mas havia uma coisa que ele não tinha em comum como seus rivais mais próximos: Ramsey Acton era um homem decente. Talvez ele achasse que ela era atraente; e não podia zangar-se com ele por causa disso. Mas Irina descrevera a sua relação como sólida, satisfatória e permanente. Além disso, Ramsey era amigo de Lawrence.

Se um deles ia beijar o outro nessa noite, teria de ser ela.

Mesmo pondo o importante assunto de Lawrence de parte, essa possibilidade era muito frágil. Se calhar Ramsey nunca pensara nela nesses termos. No mínimo, arriscava-se a ser tão humilhada como Estelle, quando, depois de ter rasgado a camisa, o jovem Ramsey Acton fugiu amedrontado para a sua bicicleta.

Podia, contudo, ter sido uma pequena decisão. As pessoas que vão a festas, se embebedam e ficam confusas às vezes fazem coisas à noite das quais de manhã pedem desculpa com umas risadinha. Mas minimizar esses momentos era próprio de outras pessoas. Porque Irina sabia perfeitamente que nesse momento se encontrava numa das encruzilhadas mais decisivas da sua vida.

— Quase me esquecia — disse com um sorriso trémulo. — Muitos parabéns.